

Apresentação do Dossiê:

Peregrinação e turismo religioso numa perspectiva sócio-antropológica

*Carlos Alberto Steil
Donizete Rodrigues*

Partindo da premissa de que a religião situa-se no domínio da cultura (TILLICH, 2009), os textos reunidos neste dossiê abordam os eventos de peregrinação e turismo como partes de um sistema de ações, na qual os seus participantes articulam tipos específicos de práxis, experiências, ‘efervescências religiosas’, expressões simbólicas e (res)significações de mundo.

Embora reconhecendo a inestimável contribuição sociológica de Émile Durkheim e de Max Weber para a fundamentação teórica dos estudos da religião, que embasaram o trabalho de *vários teólogos e cientistas sociais*, os textos aqui reunidos procuram avançar nas trilhas deixadas e ir além das teses estabelecidas por estes clássicos do pensamento social.

Assim, ao mesmo tempo em que tomamos, para efeito de análise sociológica, a peregrinação e o turismo religioso como ‘tipos ideais’ (no sentido weberiano), os trabalhos empíricos de caráter etnográfico reunidos neste dossiê mostram que estes dois fenômenos se apresentam sempre imbricados de vivências religiosas e de sociabilidades. No contexto da sociedade contemporânea ‘reencantada’, onde a religião está fortemente presente no espaço público - como testemunham, por exemplo, Habermas e Casanova - a discussão destas duas manifestações religiosas é deveras pertinente.

Tem sido recorrente, nas ciências sociais da religião, demarcar a distinção entre peregrinação e turismo a partir do princípio epistêmico da divisão do mundo, estabelecido por Émile Durkheim, entre sagrado e profano (DURKHEIM, 1912/1996). Por outro lado, no afã de classificar, purificar e hierarquizar estes eventos, tem-se enfatizado as diferenças com o intuito

de demarcar fronteiras e evitar a contaminação de um pelo outro. Os textos que reunimos neste dossiê, no entanto, mostram a total impossibilidade de separar peregrinos e turistas, a partir deste par de categorias. Assim, se estas categorias são boas para pensar, elas se mostram impróprias e inadequadas para se descrever e compreender as experiências vividas pelos sujeitos que empreendem longos deslocamentos por motivos devocionais ou de lazer. As descrições dos eventos, por sua vez, apontam para os limites de uma ciência classificatória que pretende enquadrá-los rigidamente em categorias racionais preestabelecidas, evitando, desse modo, que os sentidos, as motivações e os comportamentos vazem, borrando as fronteiras e frustrando o desejo de ordem que o pensamento racional moderno quer impor à realidade.

A aproximação entre peregrinação e turismo esteve presente desde os primeiros estudos sobre turismo nas ciências sociais. Os primeiros trabalhos sobre turismo partiram dos estudos de peregrinação, procurando estabelecer os pontos de convergência entre estes eventos. Nelson Graburn (1977), um dos pioneiros dos estudos de turismo na Antropologia, por exemplo, parte da experiência do peregrino para falar do turista. Para ele, haveria uma homologia entre estas experiências, na medida em que ambas se instituem como momentos extraordinários em relação à vida cotidiana, conferindo a ambas um sentido. Neste mesmo sentido, a diversidade das motivações e de estilos de vida encontrada por Victor e Edith Turner, entre os sujeitos que acorrem para os grandes santuários cristãos por eles estudados, os levaram a afirmar que “todo turista é meio peregrino e todo peregrino é meio turista” (TURNER & TURNER, 1978, p. 20).

Erik Cohen (1988, 1992), por sua vez, desenvolve a ideia de um *continuum* entre o peregrino e o turista, onde a busca do sagrado - característica do peregrino - se transforma, no turista, na busca da autenticidade. Na sua perspectiva, não se pode falar nem de um peregrino nem de um turista homogêneos, porque estas experiências estariam sempre hibridizadas na forma de um “peregrino-turista ou de um turista-peregrino”. Ou seja, peregrinação e turismo são categorias que condensam em si múltiplos significados, muitas vezes divergentes, que lhe conferem densidade e poder de mobilizar multidões.

Os artigos aqui reunidos procuram romper com um olhar evolutivo que tende a ver o turismo como resultado de um processo mais abrangente e inexorável de secularização. Nesta perspectiva, os lugares de peregrinação estariam destinados a se tornarem polos turísticos, na medida em que a modernidade se imporia como um processo de desencantamento do mundo, no

sentido weberiano. O que vemos, ao contrário, é que peregrinação e turismo não se apresentam como etapas num processo histórico unilinear, mas remetem a estilos e modos de se posicionar no mundo que coexistem e cujas fronteiras estão inevitavelmente borradas.

Numa perspectiva de longa duração, podemos observar tendências e modelos que se impõem na configuração histórica destes eventos. Neste sentido, uma mudança importante a registrar, tanto nas peregrinações quanto no turismo, é o deslocamento da ênfase do ponto de chegada para o peregrinar ou o viajar em si. Associada a esta mudança, observa-se uma outra tendência, que tem a ver com um certo deslocamento da ênfase na efervescência coletiva (no sentido durkheimiano) para a experiência pessoal, que implica no engajamento corporal, psíquico e espiritual na busca de um aperfeiçoamento individual. Assim, empreender uma peregrinação ou viagem que envolve persistência e austeridade, é visto menos como um sacrifício em vista de uma graça a ser alcançada e mais como um processo de descoberta de si.

Ao por o foco no movimento, damo-nos conta de que tanto a peregrinação quanto o turismo nos conectam com uma característica marcante de nosso tempo: o da mobilidade (FELDMAN, 2017). Talvez, em nenhum outro momento da história, a humanidade tenha valorizado tanto romper com seu cotidiano para aventurar-se por caminhos e destinos que se apresentam como desafios de superação de si. E, nesta busca, o que de fato importa é o movimento em si, que, embora aconteça no espaço geográfico, apresenta-se como uma metáfora de um ideal contemporâneo.

Atendendo às clássicas e às mais recentes orientações e discussões teóricas, metodológicas e conceptuais, este dossiê apresenta importantes contribuições para um melhor entendimento deste complexo e relevante fenômeno da peregrinação e do turismo religioso.

O dossiê abre com um excelente texto teórico-conceptual de um dos mais eminentes especialistas na matéria. Em “*Communitas: a trope made to travel*”, o ‘special guest writer’ da coletânea, Simon Coleman, afirma que, como um ‘tropo’ (um dispositivo analítico) fundamental no estudo científico-social da peregrinação, a *communitas* tem sido criticada por sua caracterização excessivamente simplista das motivações para viagens sagradas e seu fracasso em reconhecer a eminência dos conflitos entre os visitantes aos santuários sagrados. Apesar disso, o ‘tropo’ permanece significativo na pesquisa contemporânea. Utiliza o conceito de ‘entextualização’ para explicar por que a *communitas* foi tão facilmente aplicada a contextos históricos, culturais e reli-

giosos tão variados. Coleman argumenta, ainda, que o desenvolvimento do termo, por Victor e Edith Turner, refletiu um grau crescente de abstração, resultando naquilo que ele chama de “semiótica sedutora”.

Abrindo o espaço para os estudos realizados em Portugal, o trabalho de Matheus Belucio e José Alberto Fuinhas, “Fatores que influenciam as visitas turístico-religiosas ao Santuário de Fátima: uma perspectiva económica”, é bastante inovador. Trata-se de uma análise do impacto dos fatores climáticos e econômicos nas visitas turístico-religiosas ao Santuário de Fátima, no ano de 2015. Os resultados apontam para uma relação direta entre três variáveis: clima, taxa de câmbio e visitas. Os autores concluem que os fatores econômicos e climáticos devem ser considerados em pesquisas futuras sobre peregrinações e turismo religioso, pois os resultados podem gerar uma série de benefícios para os peregrinos, visitantes, residentes e também para a economia local.

“Caminhar com Fé: estudo sócio-antropológico de uma peregrinação ao Santuário de Fátima, Portugal” é a contribuição de Donizete Rodrigues, como um ‘antropólogo-peregrino’. O trabalho está dividido em duas partes principais. Na primeira é feita uma discussão teórica e conceptual sobre peregrinação, no contexto cristão-católico, apoiada, principalmente, em sociólogos e antropólogos, clássicos e modernos, como Durkheim, Van Gennep, Turner, Geertz, Bauman e Hervieu-Léger. Na segunda, empírica, descreve e analisa a experiência vivida por um grupo de peregrinos-caminhantes da vila do Soito (Sabugal) ao Santuário de Fátima. No trabalho de campo, desenvolvido em maio de 2016, privilegiou-se o método antropológico da observação-participante, que favoreceu a necessária inserção do autor no grupo de peregrinos, como um ‘insider-believer’.

Pedro Pereira, em “*Empurrar a Senhora para Casa - o caminho dos peregrinos no culto à Senhora da Saúde em Portugal*”, descreve e analisa, antropológicamente, o culto e a peregrinação em honra da Senhora da Saúde. Defende que o movimento de crentes para lugares sagrados não é específico deste culto mariano, mas sim uma prática generalizada em vários religiões. A par de uma rigorosa revisão bibliográfica e ancorado num extenso trabalho de campo em inúmeras localidades, procurou demonstrar que o movimento dos crentes, através de viagens e de peregrinações, se constitui como uma dinâmica religiosa primordial na difusão e manutenção deste culto mariano.

Introduzindo os estudos realizados no Brasil, “*Percursos das Peregrinações Católicas no Brasil: gênese e desenvolvimento do tema na ótica das ciências sociais*” é um extenso e denso texto de Carlos Alberto Steil, onde o

autor descreve as transformações que ocorreram na trajetória histórica das peregrinações e nos estudos sobre catolicismo no Brasil. O artigo destaca quatro momentos nesta trajetória: as imagens e devoção à Paixão e os livros *Santuários Marianos* (1722) e *Peregrino da América* (1728), como marcos do catolicismo tradicional da época; o movimento de romanização da Igreja Católica nos séculos XIX-XX e os estudos sociológicos sobre os movimentos camponeses milenaristas, que analisam e interpretam as guerras de Canudos, Contestado e o movimento de Juazeiro, protagonizado por Padre Cícero; a Teologia da Libertação e as romarias da terra, de caráter contestatório; e, finalmente, discorre sobre os estudos antropológicos sobre as romarias, nos anos de 1980, e as tendências atuais nos estudos de peregrinação.

No texto “Peregrinação, Memória e Movimento: uma análise descritiva e reflexiva sobre a função da Romaria da Terra”, Júlio César Adam descreve e analisa a 15ª. Romaria da Terra, no Estado do Paraná. Os relatos são feitos a partir da observação participante, descrição de filmagens, recursos do evento e de dados do relatório final da pesquisa. O objetivo do estudo foi entender como estas peregrinações, como eventos litúrgico-políticos, influenciam as pessoas que delas participam. O autor destaca dois aspectos que causam transformações: a caminhada e a memória, como formas de resistência e de transformação pessoal e coletiva. Na primeira parte do artigo, faz uma descrição detalhada da referida romaria e, na segunda e terceira partes, analisa a sua relação com a memória e a caminhada.

“Romeiros, Turismo e Devoção nas Romarias de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil” é um texto inovador e criativo, escrito a seis mãos - Antônio Braga, Itamara F. de Meneses, Amanda Priscila S. e Silva - retratando três experiências etnográficas distintas. Partindo de dados de suas pesquisas de campo nas romarias de Juazeiro do Norte, Ceará, o autor e as autoras constatarem que, nos primeiros anos do século XXI, a categoria “turismo” já estava presente no contexto dessas romarias através de atores econômicos, políticos e eclesiais. Os romeiros, contudo, viam o “turismo” como algo externo e antagônico ao “ser romeiro”. No intervalo de cerca de dez anos, o “turismo” - enquanto categoria nominativa, prática e experiencial - vem paulatinamente deixando ser visto como algo necessariamente antagônico às suas experiências romeiras. Analisaram como e porque isso vem ocorrendo e de que forma o turismo é incorporado como parte das práticas e experiências romeiras.

O dossiê é concluído com “O turismo religioso na sociedade líquido-moderna: apropriação da fé pelo *trade* turístico”, de Alan Faber do Nascimento

e Vitor Chaves de Souza. Baseando-se em teóricos de relevo, principalmente Marx, Eliade, Mauss, Berger, Bauman e Hervieu-Léger, o texto aborda a apropriação da fé pelo *trade* turístico na sociedade líquido-moderna, marcada fortemente pelo consumo. Intercalando com as interessantes discussões teóricas e conceptuais, os autores apresentam várias realidades etnográficas, do espaço religioso como mercadoria turística: Cuzco (Peru), Fátima (Portugal), Battle Creek (Michigan, EUA) e, no Brasil, com ritualidades católicas, religiões afro-brasileiras e o grande avanço das igrejas evangélicas no domínio do turismo religioso.

Referências

COHEN, E. Traditions in the qualitative sociology of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 15, nº1, p. 29-46, 1988.

COHEN, E. Pilgrimage and tourism: convergence and divergence. In: MORINIS, A. **Journeys to Sacred Places**. Westport: Greenwood Press, 1992.

DURKHEIM, É. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1996.

FELDMAN, J. Key Figure of Mobility: the pilgrim. **Social Anthropology**, v. 25, p. 69-82, 2017.

GRABURN, N. The sacred journey. In: SMITH, V. **Hosts and Guests: the anthropology of tourism**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1977.

TILLICH, P. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009

TURNER, V. & TURNER, E. **Image and Pilgrimage in Christian Culture: Lectures on the history of religions**. New York: Columbia University Press, 1978.